



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CAMPUS AGRESTE  
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE  
CURSO DE PEDAGOGIA

MARIA ISABEL NUNES DOS SANTOS TORRES

**NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PANDEMIA: PRÁTICAS AVALIATIVAS  
EMERGENTES NOS COTIDIANOS DE ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE BELO  
JARDIM-PE**

CARUARU

2021

MARIA ISABEL NUNES DOS SANTOS TORRES

**NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PANDEMIA: PRÁTICAS AVALIATIVAS  
EMERGENTES NOS COTIDIANOS DE ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE BELO  
JARDIM-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

**Área de concentração:** Avaliação.

**Orientador (a):** Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida

CARUARU

2021

Dedico esse trabalho aos meus amados pais, que abdicaram de muito para que eu chegasse até aqui, bem como à minha irmã e maior aliada e todos aqueles que continuaram acreditando em mim, até quando eu cheguei a duvidar. Esse trabalho é resultado de muita resistência, esperança e sobretudo, amor.

**No meio do caminho tinha uma pandemia: práticas avaliativas emergentes nos cotidianos de escolas do município de Belo Jardim-PE.**

**In the middle of the way there was a pandemic: evaluative practices emerging in the daily lives of schools in the municipality of Belo Jardim-PE.**

**Maria Isabel Nunes dos Santos Torres<sup>1</sup>**

## **RESUMO**

O presente trabalho está inserido no campo de discussões sobre práticas avaliativas, no contexto de professoras da rede municipal de Belo Jardim-PE. Para tanto, elencamos como objetivo geral compreender as práticas avaliativas dos/as professores/as da rede municipal diante do contexto pandêmico e de modo mais específico, buscamos analisar as práticas avaliativas utilizadas pelos professores da rede municipal de Belo Jardim-PE durante a pandemia e identificar os critérios escolhidos para a adoção dessas práticas nesse contexto. Nesse sentido, compreendemos prática como atividade, de acordo com Vázquez (1977) e a avaliação como fonte de conhecimento, conforme Méndez (2001). Utilizamos como instrumento de coleta de dados, o questionário on-line, considerando o contexto pandêmico e as limitações que impôs, e analisamos com base na Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe (2015), onde o discurso não é apenas fala, mas também prática. Por meio dos discursos das seis professoras participantes, compreendemos que contexto pandêmico interferiu nas suas práticas avaliativas de modo que elas necessitaram ter como premissa o acolhimento e o entendimento da relação entre a avaliação e o contexto em que ela ocorre.

**Palavras-chave:** práticas avaliativas; contexto pandêmico; instrumentos avaliativos.

## **ABSTRACT**

The present work is inserted in the field of discussions about evaluation practices, in the context of teachers from the municipal network of Belo Jardim-PE. To do so, we list as a general objective to understand the practices evaluations of teachers in the municipal network in the context of the pandemic and more specifically, we seek to analyze the evaluation practices used by teachers in the municipal network of Belo Jardim-PE during the pandemic and identify the criteria chosen for the adoption of these practices in this context. In this sense, we understand practice as an activity, according to Vázquez (1977) and

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA). E-mail: [isabelnunes.ufpe@gmail.com](mailto:isabelnunes.ufpe@gmail.com).

assessment as a source of knowledge, according to Méndez (2001). We used the online questionnaire as an instrument for data collection, considering the pandemic context and the limitations it imposed, and we analyzed it based on the Discourse Theory of Laclau and Mouffe (2015), where discourse is not just speech, but also practical. Through the speeches of the six participating teachers, we understand that the pandemic context interfered in their assessment practices so that they needed to have as a premise the reception and understanding of the relationship between the assessment and the context in which it takes place.

**Keywords:** assessment practices; pandemic context; assessment instruments.

**DATA DE APROVAÇÃO:** 03 de dezembro de 2021.

## 1. CAMINHOS INTRODUTÓRIOS: O FIO CONDUTOR

Ao longo desses quatro anos de graduação, percebemos quantos caminhos são apresentados e podem ser trilhados durante e depois do curso. Isso explica o porquê de ter demorado um pouco mais para definir, com convicção, por qual dessas áreas iria caminhar o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Nesse sentido, ao ponderar sobre algumas temáticas, desde a área de linguagem até o segmento de história da educação, consideramos que o melhor seria seguir a linha de pesquisa do PIBIC<sup>2</sup>, grupo de pesquisa em que atuei entre agosto de 2020 e agosto de 2021, no âmbito da avaliação e do currículo.

Por considerar que esses dois eixos são imbricados, mas que ainda assim, possuem suas particularidades, optamos por focar na área da avaliação. De forma mais específica, o objeto de pesquisa são as práticas avaliativas desenvolvidas por professores da rede municipal de Belo Jardim-PE<sup>3</sup>. A opção por esse lócus se deu, justamente, por essa ser a minha cidade natal, onde poderei atuar após a conclusão do curso, bem como por considerar que as conjunturas políticas do município influenciam diretamente na escolha dos profissionais atuantes nesse campo e em suas respectivas práticas.

Nesse sentido, cabe evidenciar que pessoalmente, essa pesquisa tem fortes implicações, já que essa área sempre despertou inquietação e até mesmo insegurança,

---

<sup>2</sup>Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, fomentado pelo CNPq/Propesqui e pelo órgão Universal CNPq. Nesse caso, atuamos na área de currículo e avaliação, sob orientação da professora Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida, pelo período de um ano (Agosto de 2020 – Agosto de 2021).

<sup>3</sup>Cidade do interior de Pernambuco, localizada geograficamente sob o Planalto da Borborema, a 49 Km de Caruaru-PE. Possui uma área equivalente a 647,696 Km<sup>2</sup> e uma população estimada em 76.687 habitantes, segundo o IBGE (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/belo-jardim/panorama>).

principalmente pelas vivências ao longo da trajetória escolar, onde as práticas avaliativas eram classificatórias, e alimentavam anseios e incertezas diante dos resultados. Academicamente, as descobertas aqui apresentadas configuram-se como um ponto esclarecedor para o entendimento sobre as dimensões e complexidades do ato de avaliar. No que se refere ao aspecto social, o conhecimento adquirido contribui para a reflexão dos professores participantes, bem como da comunidade, visto que ponderar sobre as práticas avaliativas adotadas é um exercício que precisa considerar o contexto em que estão inseridas.

A partir do entendimento de que a avaliação é permeada pelas relações construídas dentro do espaço escolar e que elas possuem uma conexão com a sociedade (FREITAS, 2009, p. 7), pode-se pressupor que há interação nas práticas avaliativas e no contexto que as envolve. Nesse sentido, considerar o atual cenário nos leva a refletir sobre seus impactos no ato de avaliar, bem como nos desafios que envolvem essa prática. Por isso, reconhecer o vínculo entre avaliação e contexto social, é, nesse trabalho, o ponto de partida para a compreensão do objeto de pesquisa elencado.

A partir desse esclarecimento, cabe retomar o que nos coloca Luckesi (2000) sobre a escolha dos instrumentos avaliativos, já que “um instrumento inadequado ou defeituoso pode distorcer completamente a realidade” (p. 10). Nessa perspectiva, as práticas avaliativas adotadas durante esse momento, apontam para esse desafio sinalizado pelo autor, já que toda a situação pandêmica reforça a preocupação em escolher instrumentos que permitam descobertas coerentes com a realidade. Por essa razão, ponderar sobre essas duas perspectivas instigou ainda mais um interesse já existente em pesquisar sobre essa área, de modo que foi preciso organizar as ideias emergentes para direcionar os caminhos a serem trilhados.

Contudo, é importante colocar, nesse momento, que a pandemia de Covid-19, ainda persiste no Brasil e isso implica em muitos impactos. É inegável que as perdas motivadas por essa experiência são inúmeras e que os reflexos dessas circunstâncias dificultam muitos setores, inclusive a pesquisa educacional. Por isso, ao considerar o distanciamento social, como uma das normas de prevenção contra essa doença, tornou-se inviável realizar, de forma presencial, alguns passos dessa pesquisa, o que será detalhado, precisamente, mais adiante.

Para nortear essa pesquisa, considerando o lócus citado e o ponto de partida para essa temática, elenquei como questão-problema: Como as práticas avaliativas de professores da rede municipal de Belo Jardim-PE foram afetadas pelo contexto pandêmico? Com isso, torna-se evidente que há um pressuposto de que, de alguma forma, a pandemia interferiu no

modo de avaliar desses participantes e assim, pretende-se descobrir de que modo isso ocorreu. Sob essa ótica, é possível afirmar que através desse questionamento, também se encontra claro que seu cerne é reconhecer essas mudanças e a partir delas, revelar os conceitos de avaliação e práticas avaliativas.

Dessa forma, o objetivo geral elencado é compreender as práticas avaliativas dos/as professores/as da rede municipal diante do contexto pandêmico. Por meio dele, pode-se ponderar sobre algumas justificativas que impulsionam essa pesquisa, dentre elas, se tornará possível compreender os impactos desse cenário no ato de avaliar, que por si só, já inclui desafios.

De modo mais específico, pretendemos analisar as práticas avaliativas utilizadas pelos professores da rede municipal de Belo Jardim-PE durante a pandemia e identificar os critérios escolhidos para a adoção dessas práticas nesse contexto. Com isso, será possível ter uma maior aproximação com o campo de estudo, bem como traçar caminhos que direcionem ao que se pretende responder com a questão central dessa pesquisa.

Assim, a exposição dos objetivos elencados demonstra o ponto de partida para a investigação proposta e para tanto, tomamos como referencial teórico-metodológico a análise dos dados a partir da Teoria do Discurso de Laclau. Nela, o discurso é compreendido como a união de palavras e ações, como prática, uma vez que quaisquer ações empreendidas por sujeitos, identidades, grupos sociais são ações significativas. (MENDONÇA, 2008, p. 27). Com isso, o reconhecimento do discurso como ação significativa fundamenta a compreensão dos sentidos revelados pelas contribuições das professoras participantes dessa pesquisa.

## **2. ELEMENTOS QUE CONSTITUEM OS SENTIDOS ESTUDADOS**

### **2.1 Práticas Avaliativas: Explorando os Sentidos Discursivos**

Para aprofundar os conhecimentos construídos nessa investigação, é necessário dialogar com os conceitos já atribuídos ao nosso objeto de pesquisa. Dessa forma, organizamos esse espaço trazendo, respectivamente, o sentido do termo prática, segundo Vázquez (1977), e na sequência, os conceitos de Villar (2009) e Dos Santos Magalhães (2018), no que se refere, especificamente, as práticas avaliativas, nosso objeto de estudo. Por esses discursos, compreendemos a complexidade dessas ações, em que os próprios sentidos imbricados aos termos, revelam a dimensão do ato de avaliar.

Sob essa ótica, iniciamos esse percurso com o entendimento sobre a palavra prática, que segundo Vázquez (1977, p. 189) “Toda PRAXIS é atividade, mas nem toda atividade é praxis.” e essa atividade prática caracteriza-se como “real, objetiva ou material” (p. 198). Nesse sentido, observamos que o conceito do termo é, em síntese, vinculado ao fazer, ao praticar, verbos que também traduzem o sentido de “atividade”, Por meio desse fragmento, construímos o entendimento de que prática é ação, é movimento, é o fazer cotidiano, é o ato de exercer, e desse modo, ela torna-se parte essencial no ambiente escolar, que possui diversos objetivos para serem alcançados através dela.

Com esses direcionamentos, é preciso explicitar uma característica central no entendimento de prática desse autor, que é justamente a ação consciente, já que:

Sem essa o real, objetiva, sobre uma realidade – natural ou humana – que existe independente do sujeito prático, não se pode falar propriamente de práxis como atividade material consciente e objetivante; portanto, a simples atividade subjetiva – psíquica – ou meramente espiritual que não se objetiva materialmente não pode ser considerada como práxis. (VÁZQUEZ, 1977, p. 198)

Nessa perspectiva, compreendemos não apenas o que a prática – práxis – é, mas também o que ela não é. Como ação humana consciente, a prática necessita de objetivos como guia para o que se deseja alcançar com ela, e sendo assim, não deve ser considerada como práxis, atividades cuja motivação não é consciente e/ou real. Dessa forma, a percepção de prática é vinculada às ações que são realizadas sobre um contexto, com várias significações.

Como é possível notar, o termo prática tem amplo sentido e por isso, faz-se necessário delimitar não apenas os que utilizamos nesse trabalho, mas o que está vinculado ao nosso objeto de pesquisa. Para melhor explicar o caminho traçado, comparamos o termo prática a raiz principal de uma planta e como suas ramificações, podemos citar as práticas pedagógica, curricular, educativa, gestora e dentre tantas, o nosso eixo, que é a prática avaliativa. Essa metáfora evidencia, ludicamente, que embora nosso percurso seja permeado de possibilidades, para alcançar o nosso propósito, é preciso focar, nesse momento, no referido eixo.

Diante desses sentidos, cabe colocar a concepção de prática avaliativa trazida por Villar (2009, p. 60) “refere-se ao processo de coleta de informações, reflexão, juízo de valor e tomada de decisão.” Nesse sentido, compreende-se que o sentido atribuído pela autora é voltado para todo o processo avaliativo, desde o momento de coleta de dados até as decisões tomadas a partir das reflexões perante os mesmos. Com isso, pode-se reconhecer a dimensão

dessa prática e toda a complexidade que a envolve, uma vez que os procedimentos citados acima configuram ações de grande relevância em torno da avaliação.

Nesse sentido, ao considerar o aspecto reflexivo que as práticas avaliativas possibilitam, é preciso evidenciar um ponto central dessa ação, que é justamente o diálogo, pois:

A prática avaliativa consubstancia-se pelo diálogo, ou seja, pela comunicação contínua entre docente e discente; pela observação sensível e cuidadosa do educador considerando o educando em todas as suas dimensões; pela investigação constante do professor sobre as necessidades de aprendizagem do aprendente. Sobretudo, constitui uma intervenção em tempo real, possibilitando ao aluno refletir sobre suas dificuldades, para que, com isto, avança em seu processo de construção do conhecimento. (VILLAR, 2009, p. 103)

A partir dessa visão, percebemos que quando os professores reconhecem as necessidades dos seus estudantes, consegue intervir mais seguramente ao escolher os seus métodos avaliativos e ao utilizá-los para refletir sobre sua prática. Assim, a prática avaliativa desse professor pode atender não apenas aos objetivos elencados por ele durante a construção da avaliação, mas possibilitar que os saberes conhecidos pelos discentes estejam direcionados para o atendimento de suas urgências.

Ainda no que se refere ao caráter dialógico das práticas avaliativas, consideramos oportuno revelar a sua ligação com o conceito de práticas curriculares, que conforme apontado por Dos Santos Magalhães (2018, p. 93) as práticas avaliativas “se desenvolvem em constante diálogo entre currículo-ensino-avaliação-aprendizagem, e nos revelam o imbricamento entre as práticas curriculares e as práticas avaliativas.”. Desse modo, o conhecimento explicitado nos permite afirmar que avaliação e currículo são segmentos correlacionados e as práticas avaliativas estão fundamentadas nos sentidos que norteiam o entendimento de práticas curriculares.

## **2.2 Sentidos de avaliação: Os discursos que permeiam o ato de avaliar**

A partir da discussão anterior, consideramos necessário aprofundar esse diálogo com os conceitos vinculados à avaliação em si. Ao reconhecer a relevância desse aspecto, dedicamos esse tópico aos sentidos revelados sobre a avaliação, considerando a perspectiva de alguns autores como Méndez (2001), que compreende a avaliação como fonte conhecimento; Luckesi (2000), que a caracteriza como ato de acolher; Gonçalves, Almeida e Leite (2018), que trazem a avaliação em sentido polissêmico e Freitas et al (2009), que discute sobre a relação entre avaliação e contexto social.

Cabe pontuar, nesse momento, a concepção de avaliação como um instrumento de conhecimento, como defende Méndez (2001, p. 83) “[...] a avaliação converte-se em atividade de aprendizagem estreitamente ligada à prática reflexiva e crítica, atividade da qual todos saem beneficiados precisamente porque a avaliação é – deve ser – fonte de conhecimento e impulso para conhecer.” Por intermédio desse autor, compreende-se que as práticas avaliativas possibilitam um aprendizado mútuo, tanto para quem é avaliado, no caso dos estudantes, como para quem avalia, como meio de refletir acerca das próprias formas de exercer essa avaliação.

Ao ser compreendida como fonte de reflexão, a avaliação revela seu caráter construtivo, já que por meio desse movimento, motiva mudanças ao avaliador e ao avaliado, e é justamente nesse ponto que podemos relacionar esses conhecimentos ao sentido de que avaliar é, ou deveria ser, um ato de acolhimento, já que:

A disposição para acolher é, pois, o ponto de partida para qualquer prática de avaliação. É um estado psicológico oposto ao estado de exclusão, que tem na sua base o julgamento prévio. O julgamento prévio está sempre na defesa no ataque, nunca no acolhimento. A disposição para julgar previamente não serve uma prática de avaliação, *porque exclui*. (LUCKESI, 2000, p. 7)

Quando a avaliação é entendida e praticada com o intuito de conhecer, ela pressupõe um acolhimento, que implica, necessariamente, em não julgar. Nesse sentido, se avaliar é sinônimo de compreender, torna-se possível que os professores adotem uma postura de disposição para ouvir, sem a pretensão de encontrar falhas e corrigi-las apenas pela imposição de fazer, mas que ressignifiquem a forma de utilizar a avaliação. Essa compreensão provoca a necessidade de desconstruir a visão e a prática de uma avaliação que classifica e exclui, para que se encontre, por meio dela, um caminho para refletir e melhorar as ações que levam a melhores resultados.

Nessa direção, é oportuno evidenciar o caráter polissêmico da avaliação, pois conforme Gonçalves, Almeida e Leite (2018, p. 217), “ela adquire conotações e interesses diversos a depender da posição discursiva que ocupa os que estão a utilizá-la.”. Desse modo, os sentidos atribuídos à avaliação estão estritamente ligados ao contexto em que são utilizados e aos objetivos que pretendem ser atendidos através dela. Isso significa que é necessária uma pré-disposição em acolher as circunstâncias que envolvem o ato de avaliar, que variam de acordo com o local em que são aplicadas e com os interesses que pretendem ser atendidos.

É justamente por meio desse sentido que podemos considerar a relação entre avaliação e contexto social, enfatizada por Freitas et.al. (2009) ao colocar que:

Deve-se levar em conta que a avaliação não incorpora apenas os objetivos escolares, das matérias ensinadas, mas também objetivos ligados à função social da escola no mundo atual, os quais são incorporados na organização do trabalho pedagógico global da escola. Ao enfatizarmos da sala de aula, não devemos esquecer que ela está inserida em um ambiente maior, a escola. (p. 17)

Esse entendimento implica em reconhecer que a avaliação é um meio de perceber e confrontar a realidade social na qual estamos inseridos. Quando os alunos são avaliados apenas pelo seu desempenho em sala de aula, a prática avaliativa deixa de ser acolhedora e consciente, pois desconsidera um contexto maior, que é a própria escola e principalmente, o meio social que está além das paredes da instituição. Assim, não há como compreender os discursos revelados nessa pesquisa sem levar em consideração os impactos motivados pelo contexto social durante esse cenário pandêmico, pois ao ignorar os reflexos dessa situação nas práticas avaliativas adotadas, não seria possível refletir e melhorar cada uma delas.

Sob essa ótica, os sentidos de práxis e avaliação aqui evidenciados, fundamentam as práticas avaliativas e sua complexidade. Com isso, precisamos explicitar os caminhos metodológicos adotados nessa pesquisa, para que seja possível compreender como os próximos passos necessitam dessa discussão inicial. Assim, descrevemos na sequência a natureza dessa pesquisa, os instrumentos de coleta de dados e o tipo de análise ao qual eles foram submetidos.

### **3. PERCURSOS CONDUTORES: PROCEDIMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS**

Para alcançar os objetivos elencados, é essencial caracterizar essa pesquisa e os procedimentos metodológicos adotados para ela. Nesse caso, o presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, já que, como coloca Deslandes et al. (1994, p. 21-22), “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um processo mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos”. É preciso pontuar que os dados aqui apresentados não diminuem o valor de uma pesquisa quantitativa, de modo que se busca focar nos aspectos qualitativos, considerando os pontos mencionados.

Um outro ponto a ser considerado é o seu caráter exploratório, pois conforme Gil (2008, p. 27), essa é a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Esse autor elucida

outro aspecto de nossa pesquisa que é justamente a análise bibliográfica, cuja principal vantagem é justamente “permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” (p. 50). Nesse caso, a exploração desse material dos diversos autores apresentados é crucial para analisar os dados que serão obtidos no presente trabalho.

Ao revelar essas características, torna-se possível adentrar nos procedimentos metodológicos utilizados aqui. O primeiro deles, como sugerido pelo aspecto bibliográfico, é justamente a investigação sobre o tema central e o conhecimento do objeto de pesquisa, com base em autores como Vázquez (1977); Villar (2009); Luckesi (2000); Freitas (2009); Mendéz (2002); Gonçalves, Almeida e Leite (2018) e Melchior (1994) por exemplo. Por meio dos conceitos construídos e defendidos nessas obras, foi possível refletir sobre as descobertas advindas dos novos dados obtidos.

Nesse caso, para chegar até os referidos dados, adotamos como principal meio de coleta, a aplicação de questionários on-line. Segundo Gil (2008, p. 121), esse método se caracteriza como um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamentos (...). A adoção desse procedimento é justificada pela permanência do contexto pandêmico durante o momento em que essa pesquisa foi realizada, o que impossibilitou a ida presencial até o campo, considerando o risco para a saúde dos pesquisadores e dos participantes.

Ao obter esses dados, analisamos com base na Teoria do Discurso de Laclau e Moffe (2015), onde os discursos produzidos pelas participantes e o reconhecimento de que estes traduzem a realidade social em que vivem, permitem a reflexão sobre contexto e as possíveis formas de intervir nele e para ele. Com isso, os conhecimentos construídos nessa pesquisa são pautados nas descobertas evidenciadas por ela, através dos dados obtidos com o questionário aplicado, em consonância com as contribuições dos autores apresentados.

Por considerar esse aspecto, é oportuno pontuar os critérios atribuídos para a seleção desses participantes. Em primeiro plano, buscamos professores atuantes na rede municipal de Belo Jardim-PE, do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, graduados em pedagogia. É importante revelar que optamos por conceder esse acesso aos professores formados nessa licenciatura, cuja graduação fosse realizada em outras instituições de ensino superior, incluindo a faculdade da própria cidade.

Um outro ponto a ser evidenciado é a forma como iremos nos referir a esses participantes ao longo das análises. Para manter o seu anonimato, optamos por chamar cada um com a nomenclatura de uma nota musical, considerando que a cidade de Belo Jardim é conhecida como “Terra de Músicos”. Com isso, informamos que obtivemos o retorno de seis professoras, nomeadas de Dó, Ré, Mi, Fá, Sol e Lá, entre os mais de dez profissionais que foram contatados por meio da divulgação nas redes sociais e evidenciamos essa devolutiva nas páginas seguintes.

#### **4. REFLEXÕES E CONSTRUÇÕES: DISCURSOS QUE EMERGEM**

Como mencionado anteriormente e considerando o cenário pandêmico, o contato com as participantes dessa pesquisa foi realizado de forma virtual, por meio das redes sociais. O endereço do questionário on-line foi publicado em duas dessas mídias, o WhatsApp e o Instagram, de modo que ao serem visibilizados, chegaram ao público alvo, professores da rede municipal de Belo Jardim-PE, formados em pedagogia e que estivessem em atuação do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Com isso, dos mais de dez profissionais que retornaram essa divulgação, seis professoras atendiam aos três critérios estabelecidos e responderam ao questionário on-line, não apenas contemplando as perguntas relacionadas ao tema central, como disponibilizando alguns dados essenciais para o conhecimento de seus perfis.

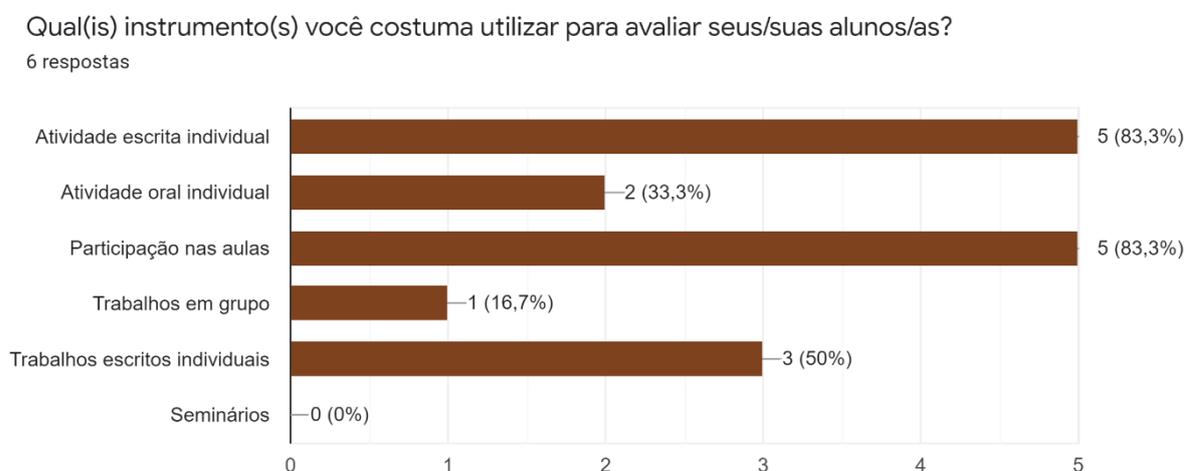
Para compreender quem são essas professoras, e utilizando os nomes fictícios que atribuímos a elas, evidenciamos as características que confirmam os três aspectos pré-estabelecidos nessa busca. A professora Dó concluiu sua graduação em pedagogia no ano de 2012, pela Autarquia Educacional de Belo Jardim (AEB), e atualmente é professora do 1º Ano do Ensino Fundamental da Creche Boa Samaritana. Assim como ela, a professora Ré também se formou na referida instituição, no ano de 2009 e atua como professora na Escola Municipal Tenente João Cordeiro, no 5º Ano do Ensino Fundamental.

As professoras Mi – formada em 2010 pela AEB – e Fá – concluinte no ano de 2005, pela mesma faculdade –, atuam na Escola Municipal Professor Antenor Vieira de Mello, no 1º e no 5º Ano, respectivamente. No caso da professora Sol, que leciona na Escola Municipal Nossa Senhora do Bom Conselho, no 1º Ano do Ensino Fundamental, sua formação em pedagogia foi concluída em 2017, no Instituto Superior de Educação de Pesqueira – ISEP. Por fim, a professora Fá, também formada pela Autarquia Educacional de Belo Jardim, no primeiro semestre de 2021, está em atuação no 1º Ano da Escola Municipal Manoel Domingos.

Nessa perspectiva, após a breve apresentação das professoras participantes, bem como do modo que foram referenciadas ao longo dessa análise, é necessário revelar como ela foi estruturada nessa pesquisa. Nos subtópicos seguintes, elencamos, primeiramente, os dados que revelam os instrumentos avaliativos utilizados no contexto que antecedeu a pandemia, de modo a compreender a dimensão do ato de avaliar e as diversas práticas avaliativas adotadas. Na sequência, analisamos os discursos dessas professoras sobre as mudanças impostas pelo cenário pandêmico em suas práticas avaliativas, e como elas adaptaram seus instrumentos e métodos de acordo com essas circunstâncias.

#### 4.1 Avaliação em contexto não-pandêmico: o que as práticas adotadas nos revelam?

Com o intuito de compreender as práticas avaliativas adotadas pelas participantes durante a pandemia, emergiu a necessidade de conhecer os instrumentos adotados por elas no contexto que antecedeu esse cenário. Desse modo, nesse primeiro segmento de análise, observamos o que os seus discursos nos revelam sobre essas práticas, quais os métodos avaliativos utilizados por elas e a relevância dessa disposição de diversos instrumentos para efetivar as práticas avaliativas. Assim, dentre as perguntas que foram colocadas no questionário enviado, disponibilizamos uma com alternativas sobre os possíveis instrumentos que essas professoras costumam utilizar, conforme ilustra o gráfico abaixo:



Fonte: Produzido pelas autoras (2021).

A partir desses dados, conseguimos identificar diferentes aspectos sobre a utilização desses instrumentos avaliativos. Em primeiro plano, destacamos a preferência das professoras pelas atividades escritas individuais e a participação dos estudantes nas aulas,

pois como nos mostra esse gráfico, cinco das seis participantes afirma utilizá-los em suas práticas avaliativas. Nos dois casos, apenas a professora Dó afirmou não utilizar nenhum deles, assinalando apenas a penúltima alternativa, trabalhos escritos individuais.

Ao perceber a predominância da atividade escrita individual, também conhecida como teste escrito, compreendemos que a elaboração desse instrumento oferece diversos formatos. Nesse sentido, alguns modelos de questões que podem ser utilizados no teste escrito são exemplificados por Melchior (1994), como questões de lacuna para preenchimento (p. 104), de verdadeiro ou falso (p. 105), de associação (p. 106), de múltipla escolha (p. 109), por exemplo. Em todos esses modelos de questões, torna-se possível aos professores não apenas perceber a aprendizagem de seus alunos, mas principalmente refletir sobre os pontos que demonstram que esse conhecimento apresenta lacunas.

No que se refere a opção pela participação nas aulas, evidenciamos a relevância de conceder voz, por meio desse instrumento, aos conhecimentos prévios dos estudantes, advindos de suas experiências dentro e fora da escola. Dessa forma, considerar a participação nas aulas como um instrumento avaliativo, implica no entendimento de uma avaliação processual, que ocorre ao longo das aulas e não apenas ao final de uma unidade, pois:

“Um dos equívocos dos manuais de didática é situar a avaliação como uma atividade formal que ocorre ao final do processo de ensino-aprendizagem. Nesta visão linear, primeiro ocorre a aprendizagem e finalmente a verificação da aprendizagem. Se do ponto de vista das aparências é assim que ocorre, do ponto de vista processual, observando o seu interior da sala de aula, esta perspectiva mostra-se incompleta.”. (FREITAS, 2009, p. 14)

Nessa perspectiva, quando as cinco professoras elencam a participação como prática avaliativa, apontam uma dimensão de avaliação processual, de caráter mais completo do que os instrumentos finais podem proporcionar. É nesse contexto que se torna possível observar a relevância de uma aprendizagem construída com os estudantes, a partir das histórias vividas por eles em seu cotidiano e a relação destas com os conhecimentos experienciados em sala de aula. Além disso, a opção das professoras Ré, Mi, Fá, Sol e Lá por essa prática, contribui para que seus alunos sejam avaliados em diferentes perspectivas, de modo a intervir nas aulas, como sujeitos participantes e construtores de conhecimento.

Com relação à atividade oral individual, que também pode ser referida como teste oral, cuja importância é revelada, uma vez que

O uso de questões orais é útil para o professor obter informações complementares sobre aqueles alunos que precisam de um acompanhamento mais próximo, como no caso de recuperações de alguma dificuldade não vencida, ou quando o avaliador tem dúvidas em relação ao

desempenho tanto individual como do grupo. O professor pode recorrer a este recurso antes de atribuir um valor final ao desempenho do aluno. (MELCHIOR, 1994, p. 101)

Sob essa perspectiva, quando as professoras Mi e Sol afirmam utilizar atividade oral como instrumento avaliativo, conseguem compreender as necessidades de cada aluno e encontrar alternativas sobre como ajudá-los. Isso nos permite inferir que a prática avaliativa efetivada aqui torna-se um meio de colher informações para poder agir, intervir (GONÇALVES; ALMEIDA; LEITE; 2018, p. 220). Assim, mesmo que esse modelo de avaliação leve mais tempo que os testes escritos – o que pode explicar sua não utilização –, ele possibilita às professoras não apenas mensurar a aprendizagem de seus alunos, mas entender onde e como agir para melhorá-la.

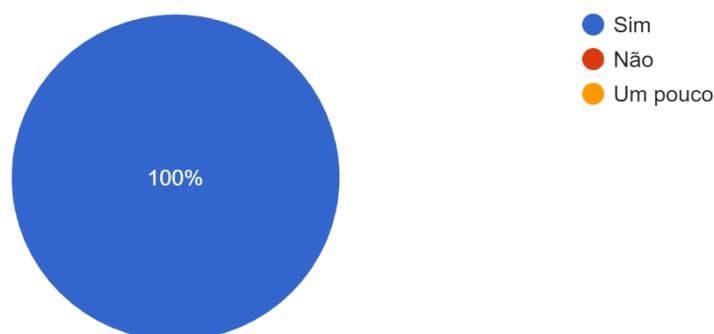
Para além das atividades finais, as provas, em suas diferentes formas de aplicação, acreditamos que os trabalhos escritos também são instrumentos utilizados de forma frequente no cotidiano escolar. Essa opção advém tanto pelas pesquisas complementares, sugeridas nos próprios livros didáticos, como pelas diversas dinâmicas que permeiam o cotidiano escolar. Entretanto, o que observamos de acordo com o gráfico anterior é que esse formato é utilizado por apenas três participantes da nossa pesquisa, as professoras Dó, Ré e Fá, com destaque para a primeira, que assinalou apenas esse instrumento avaliativo, dentre os seis que foram disponibilizados.

No caso dos trabalhos em grupo, utilizado apenas pela professora Lá, e do seminário, que não foi marcado por nenhuma das seis participantes, consideramos o princípio da socialização para que fossem elencados na questão. Dessa forma, esses dois instrumentos traduzem o entendimento de avaliação como atividade participada e compartilhada (MÉNDEZ, 2001, p. 88), onde a interação entre os membros do grupo possibilita-lhes construção mútua de conhecimento, que ocorre gradualmente, ao longo de toda a elaboração do trabalho. Com isso, até o momento de apresentação, no caso do seminário, ou da entrega do trabalho escrito, todas as etapas que antecedem esse produto final, envolvem compartilhamento de ideias, discussão das descobertas e espaço para a criatividade do grupo.

Ao considerar esses aspectos, é imprescindível considerar que o contexto pandêmico interferiu diretamente nessas atividades coletivas, visto que o contato presencial entre os componentes ficou restrito devido às recomendações dos órgãos de saúde. Com isso, é inegável que a pandemia refletiu diretamente nas práticas avaliativas das professoras participantes, e isso pode ser confirmado com o gráfico seguinte:

Você considera que a pandemia de Covid-19 interferiu nas suas práticas avaliativas?

6 respostas



Fonte: Produzido pelas autoras (2021).

De forma unânime, as professoras confirmaram o pressuposto de que a pandemia de Covid-19 interferiu nas suas práticas avaliativas. É possível observar que uma das opções de resposta para a pergunta ilustrada no gráfico era a alternativa “um pouco”, que não foi marcada por nenhuma das participantes, o que nos permite compreender que os reflexos desse cenário no cotidiano escolar e nas práticas desenvolvidas por essas professoras não podem ser considerados mínimos. Desse modo, nos cabe analisar, no subtópico seguinte, os seus discursos sobre esses efeitos e quais práticas avaliativas emergiram diante dessas conjunturas.

#### **4.2 Práticas Avaliativas em Contexto Pandêmico nas escolas municipais de Belo Jardim – PE**

Ao confirmar a interferência do cenário pandêmico nas práticas avaliativas, surge a necessidade de compreender como isso aconteceu. Para tanto, indagamos as professoras sobre os reflexos desse período e seus discursos nos revelaram múltiplos aspectos que precisam ser analisados. A princípio, evidenciamos a percepção da professora Lá, que aponta “a falta de contato com o aluno” (QUESTIONÁRIO, 28/10/2021) como principal dificuldade para a concretização das suas práticas avaliativas, e desse modo, nos permite compreender que esse aspecto é determinante para que ela realize a sua avaliação.

Nessa perspectiva, encontramos no discurso da professora Lá, a preocupação com as consequências dessa falta de contato entre ela e seus alunos. Esse aspecto pode ser compreendido, se considerarmos o caráter dialógico da avaliação, pois conforme Luckesi

(2000, p. 8) “Quando atuamos junto a pessoas, a qualificação e a decisão necessitam ser dialogadas. O ato de avaliar não é um ato impositivo, mas sim um ato dialógico, amoroso e construtivo.”. Com isso, a restrição desse contato dificulta o diálogo do processo avaliativo, visto que limita essa construção, entre os membros envolvidos.

Ao reconhecer que o contato entre os docentes e seus alunos se deu, principalmente, de forma virtual, é preciso evidenciar que a pandemia

Afetou negativamente, devido as limitações que o período pandêmico impôs, como falta de conectividade, disponibilidade dos responsáveis em acompanhar e ancorar o processo de ensino/aprendizagem, minha limitação com os recursos digitais apresentados nesse momento, assim limitando essa etapa de avaliação. (PROFESSORA MI, QUESTIONÁRIO, 27/10/2021)

De acordo com esse discurso, notamos que além de enfatizar a falta de conectividade com os alunos, a professora Mi menciona um novo elemento a ser considerado, que é justamente a relação dos profissionais de educação com os recursos digitais. Quando reconhecemos que a recorrência a esses instrumentos foi crescente, em virtude do limitado contato, precisamos considerar que a disposição desses aparelhos e o seu manuseio, nem sempre são de domínio dos educadores, como revela a professora Mi. Assim, mesmo que a urgência para utilizar esses recursos seja evidente, em razão da “conexão entre esta escola e a sociedade que a cerca” (FREITAS et al., 2009, p. 7), não se pode ignorar o número de professores que aprendeu a usufruir desses meios após um tempo de prática.

Nesse sentido, além da falta de preparo para a utilização dos recursos tecnológicos, precisamos considerar a ausência deles nas escolas e nas casas desses estudantes, pois como relata a professora Sol:

O público alvo do contexto onde desenvolvo minha prática: a escola pública vem sofrendo com maior intensidade pela falta de condições tecnológicas em casa e as habilidades de certo modo, limitada das famílias. Nesse sentido a escola e todos que fazemos parte dela, precisamos compreender este fenômeno com práticas humanizadas e buscar envolver as famílias através de momentos educativos das formas possíveis e reais que regem este momento. Acolher e educar para a sobrevivência. (QUESTIONÁRIO, 27/10/2021)

Ao levar em consideração as dificuldades de manuseio dos instrumentos tecnológicos pelos professores, é possível refletir sobre como essas habilidades limitadas também se estendem para os familiares dos estudantes, como evidenciamos no discurso acima. Ademais, as condições socioeconômicas dessas famílias nem sempre permitem que

celulares, notebooks, computadores e/ou afins, sejam dispostos em suas casas, e para além da escassez desses instrumentos, é preciso citar o próprio sinal de internet, fundamental para que esse contato virtual entre professores e estudantes seja efetivado.

Ainda no que se refere ao envolvimento da família nesse contexto, é necessário pontuar que mesmo considerando a relação ela e a escola é essencial para o desenvolvimento dos estudantes, a disponibilidade nesse acompanhamento nem sempre é favorável. Com isso, a participação dos alunos nas aulas, de forma virtual, inquietou a professora FÁ, que apontou como dificuldade “a forma q eles são avaliados, pois não estavam sozinhos, possuíam ajuda da internet ou de algum adulto.” (QUESTIONÁRIO, 27/10/2021). Nesse discurso, compreendemos que ao ter a avaliação como meio de observar a aprendizagem de seus alunos, essa professora preocupa-se com o modo como as atividades estão sendo realizadas e se ocorre, de fato, uma construção crítica e reflexiva do conhecimento, pois

O que se deseja é transformar a avaliação em um instrumento para fazer com que todos admiram saber e apropriem-se dele reflexivamente (...). Precisamos conceber e praticar a avaliação como uma forma de aprender, de ter acesso ao conhecimento, e como uma oportunidade a mais de aprender de continuar aprendendo. (MÉNDEZ, 2001, p. 81)

A partir desse entendimento, legitimamos o anseio demonstrados pela professora FÁ em seu discurso, visto que as atividades apresentadas pelos seus alunos para serem avaliadas podem ter interferência dos seus familiares ou da própria internet. Entretanto, precisamos evidenciar que isso não significa que esses dois recursos devem ser dispensados ou que as crianças devem realizar suas atividades sem nenhum suporte. Assim, quando os familiares refletem com os seus sobre como as informações encontradas atendem ao que foi proposto pela professora, é possível que a prática avaliativa dela não seja permeada pela dúvida de que seus alunos tenham ou não se apropriado dos conhecimentos sobre aquela atividade.

Esses discursos nos permitem refletir sobre o interesse dos estudantes durante esse período de pandemia, bem como sobre o modo que essas professoras encontraram para contornar a desmotivação deles. Quando a professora Dó (QUESTIONÁRIO, 26/10/2021) revela que “O interesse dos alunos” é considerado por ela o aspecto mais afetado pelo contexto pandêmico, compreendemos que ele configura a principal dificuldade para o desenvolvimento de suas práticas avaliativas. Desse modo, com a distância do ambiente escolar, os empecilhos de acesso aos meios tecnológicos, a inconstância no acompanhamento familiar e a desmotivação que a realidade social provoca, é possível entender as razões que levam ao desinteresse pelos estudos.

Entretanto, observamos que mesmo com todas as barreiras impostas pelo distanciamento e as demais recomendações dos órgãos de saúde, o discurso da professora Ré evidencia a sua preocupação em continuar motivando seus alunos. Ela coloca que:

Podemos dizer que enfrentamos muitos desafios e dificuldades durante a pandemia. E que os danos causados na aprendizagem dos alunos serão irreparáveis! Mas como educadores que somos, estamos buscando cada dia mais ajudar no desenvolvimento desses alunos. Com os nossos recursos, estamos fazendo tudo que podemos para que eles não se sintam desmotivados. Estamos trabalhando com todos os recursos que nos resta, para que eles acreditem que são capazes e não vão desistir dos seus sonhos. (QUESTIONÁRIO, 26/10/2021)

A persistência da professora Ré em trazer esperança e incentivo aos seus alunos, apesar da escassez de recursos e das demais adversidades impulsionadas pela crise sanitária, é um sinal evidente de que a educação é resistência. Desse modo, ao considerar que “o indivíduo está na sociedade, assim como a sociedade está no indivíduo” (VILLAR, 2009, p. 73), compreendemos que essa estreita relação dos alunos e professores com o meio social em que estão inseridos, não deve ser percebida como limitante, mas como oportunidade de mudança. Assim, o discurso da professora Ré nos permite afirmar que suas práticas avaliativas encontraram, apesar das circunstâncias, caminhos para impulsionar o desenvolvimento de seus alunos, num movimento contínuo de acolhimento e reflexão.

Diante das implicações da pandemia nas práticas avaliativas das participantes, evidenciadas pelos seus discursos, precisamos identificar os elementos utilizados por elas para concretizar essas atividades. Isso nos levou a questioná-las sobre quais foram os instrumentos adotados durante o período de pandemia, bem como os principais motivos que justificaram a escolha destes. Para introduzir as discussões sobre essas alternativas avaliativas, construímos a tabela abaixo, que é composta pelas respostas de cada participante:

**Tabela 1 – Práticas Avaliativas adotadas na Pandemia**

<b>Professora Dó</b>	“Virtual” (QUESTIONÁRIO, 26/10/2021)
<b>Professora Ré</b>	“Devido as inúmeras dificuldades encontradas para avaliar os nossos alunos sem que houvesse o contato presencial, o único meio ou instrumento que tivemos foram as atividades impressas deixadas na escola durante a semana. E todos os dias, tínhamos uma pequena conversa no grupo de whatsapp. Que

	foi o único meio que encontramos para realizar essa avaliação.” (QUESTIONÁRIO, 26/10/2021)
<b>Professora Mi</b>	“Atividades Avaliativas escritas. Porque esse foi o meio que melhor se encaixou com a realidade da minha sala de aula.” (QUESTIONÁRIO, 27/10/2021)
<b>Professora Fá</b>	“Atividade escrita, atividade oral pelo meet.” (QUESTIONÁRIO, 27/10/2021)
<b>Professora Sol</b>	“Levantamento de conhecimentos prévios das reais situações de cada família, vídeos explicativos gravados e fotos das atividades nas devolutivas, prova oral e escrita presencial.” (QUESTIONÁRIO, 27/10/2021)
<b>Professora Lá</b>	“Atividades escritas avaliativa” (QUESTIONÁRIO, 28/10/2021)

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Por meio dos discursos acima e das inferências anteriores, destacamos, primeiramente, que as redes sociais e as plataformas de reuniões on-line configuram dois dos principais meios de realizar essas avaliações. Com isso, as professoras Dó, Ré, Fá e Sol evidenciam que de acordo com contexto, as adaptações necessárias as suas práticas incluíram o uso desses recursos virtuais, o que motiva a reflexão sobre a necessidade de que estudantes e professores dispusessem de aparelhos tecnológicos. Além disso, de acordo com esse novo formato, um novo elemento passou a interferir diretamente nas práticas avaliativas, que é justamente a habilidade dos professores e estudantes com o manuseio da tecnologia.

Nessa perspectiva, acreditamos que por mais que as professoras se apropriassem dos conteúdos a serem ensinados, e seus alunos dominassem as questões dispostas em atividades, as práticas avaliativas encontravam entraves ao serem efetivadas em sua totalidade. Isso pode ser compreendido com imprevistos cotidianos aos quais as participantes estão suscetíveis, como o áudio obstruído no momento de suas falas, os múltiplos microfones abertos com diferentes sons, a rede de internet que oscila e a incerteza sobre o modo como essa aula está sendo acompanhada por esses alunos.

Todas essas variáveis apontam para o risco de que “um instrumento inadequado ou defeituoso pode distorcer completamente a realidade e, por isso, oferecer base inadequada para a qualificação do objeto da avaliação e, conseqüentemente, conduzir a uma decisão

também distorcida” (LUCKESI, 2000, p. 10). Isso significa que as práticas avaliativas dessas professoras podem ser comprometidas pelo meio de acesso a elas, pois do mesmo modo que suas aulas virtuais tendem a ser interrompidas em razão dos imprevistos citados, a devolutiva dos estudantes encontra barreiras que interferem diretamente nas atividades realizadas.

Para além das adversidades que permeiam o envio das avaliações nessas plataformas, também é necessário refletir sobre os testes orais, realizados pelas professoras Fá e Sol, conforme indicado na tabela 1. Embora a relevância desse instrumento esteja evidente no tópico anterior, consideramos oportuno reforçar que o uso de questões orais permite que as professoras identifiquem o que o aluno pensa; como ele está entendendo e qual a interpretação que ele está dando sobre o assunto em foco (MELCHIOR, 1994, p. 101). Com isso, mesmo diante de todas as incertezas desse formato virtual, é inegável que oportunizar atividades orais aos estudantes é um meio de compreender os aspectos citados e ao conhecê-los, tecer objetivos sobre como intervir nas próprias práticas avaliativas.

Um outro instrumento avaliativo utilizado pelas participantes é a entrega de atividades escritas, que apesar de não ter a dependência direta dos recursos tecnológicos, também é permeada por instabilidades. Em primeiro plano, podemos destacar que esse deslocamento até a escola para retirar e devolver as atividades, oferecia o risco de contaminação pela Covid-19, mesmo com todos os protocolos em prática. Sobre esse impasse, não é difícil pressupor que a possibilidade de exposição ao vírus pode ter atrasado essas entregas e em determinados casos, tornado inviável que esse movimento fosse cumprido.

Ao ser concluído de fato, esse processo nos faz retomar a discussão do tópico anterior sobre a intervenção da família nas atividades escolares acompanhadas de casa, bem como a possibilidade de utilizar a internet como auxílio para a realização das mesmas. Os dois aspectos estão vinculados a percepção dos docentes para com os seus alunos e as pressuposições que têm deles. Isso significa que a partir das suposições sobre como essas atividades escritas são respondidas, com ou sem o suporte dos familiares e de pesquisas virtuais – preocupação evidenciada em discursos anteriormente citados – as participantes desenvolvem os chamados juízos de valor:

Os professores tendem a tratar os alunos conforme os juízos de valor que vão fazendo deles. (...) Nota-se adicionalmente que construir imagens sobre seus alunos é um ato absolutamente normal e até desejável. Não é disso que se trata aqui. O que está em jogo é o controle das consequências das imagens produzidas sobre o estudante quando se trabalha sem formação, sobre condições de trabalho inadequadas, ou seja, trata-se das

interferências na condução metodológica da aprendizagem do estudante geradas por tais juízos de valores formais, onde a origem social do aluno pode ser um dos fatores constitutivos do próprio juízo. (FREITAS et al, 2009, p. 28)

Nessa perspectiva, ao serem atribuídos, os juízos de valor podem interferir consciente ou inconscientemente sobre as práticas avaliativas das professoras. Com isso, ao demonstrar inquietação pelo modo como as atividades propostas são realizadas, a professora Fá pode construir uma imagem de seus alunos que influencie diretamente no modo como eles serão avaliados. Reforçamos, porém, que embora essa inquietação tenha sido percebida no discurso dessa professora, a atribuição de juízos de valor aos estudantes não está restrita apenas a ela, mas as demais participantes, em suas diferentes formas de avaliar.

Por outro lado, a percepção sobre as realidades desses estudantes e o reconhecimento de que elas interferem diretamente nas experiências vivenciadas por eles no ambiente escolar, caracteriza-se como um ato de acolhimento, ponto de partida para uma prática avaliativa, pois

A disposição para acolher é, pois, o ponto de partida para qualquer prática de avaliação. É um estado psicológico oposto ao estado de exclusão, que tem na sua base o julgamento prévio. O julgamento prévio está sempre na defesa ou no ataque, nunca no acolhimento. A disposição para julgar previamente não serve para uma prática de avaliação, porque exclui. (LUCKESI, 2000, p. 7)

Assim, no discurso da professora Sol, percebemos como esse acolhimento ocorre na prática, que nos revela uma disposição em conhecer, previamente, as realidades das famílias de seus estudantes. Dessa forma, a sua prática avaliativa é fundamentada no acolhimento e por isso, as chances de exclusão, segregação e ranqueamento advindas dessa práxis são menores, pois há conhecimento sobre o contexto em que vivem os estudantes. É justamente por isso que, mesmo avaliando seus alunos de diferentes formas, como notamos em seu discurso, a professora Sol pode refletir sobre suas práticas avaliativas e agir, por meio delas, com o intuito de melhorar suas ações e as devolutivas dos estudantes.

Diante dos discursos analisados, compreendemos que as práticas avaliativas das professoras da rede municipal de Belo Jardim-PE, precisaram ser adaptadas para atender aos protocolos exigidos no cenário pandêmico. Dessa forma, mesmo que os instrumentos avaliativos utilizados por elas sejam limitados, em razão desse contexto e em comparação com o período que antecedeu esta crise sanitária mundial, observamos que elas conseguiram realizar suas avaliações de diferentes modos. Assim, identificamos que suas ações priorizaram os cuidados exigidos pelos órgãos mundiais de saúde, bem como a intenção de

acolher as mudanças emergentes, bem como a influência delas nas atividades propostas aos seus alunos.

## **5. CONSIDERAÇÕES NA LINHA DE CHEGADA: DESCOBERTAS QUE TRADUZEM NOVOS QUESTIONAMENTOS**

Ao considerar nosso principal objetivo nesta pesquisa, compreendemos que diante das mudanças provocadas pela pandemia de Covid-19, as práticas avaliativas das professoras da rede municipal de Belo Jardim-PE foram diretamente afetadas. Nesse sentido, os protocolos de distanciamento social e uso de equipamentos de proteção, tornaram impossível que as aulas presenciais acontecessem e por isso, as plataformas digitais foram utilizadas como principal recurso para o acompanhamento das aulas. Como as limitadas possibilidades de efetivarem suas ações cotidianas, as professoras precisaram adaptar suas práticas avaliativas para esse formato.

Diante dessas circunstâncias, analisamos as práticas avaliativas adotadas por elas durante esse período, bem como as que eram utilizadas antes dele. Assim, percebemos que antes da pandemia, os instrumentos avaliativos escolhidos por essas participantes eram diversos e que em função das mudanças provocadas pelo contexto pandêmico, a disposição desses múltiplos elementos encontrou limites para serem utilizados. Isso significa que as possibilidades de avaliar durante a pandemia, eram possíveis por intermédio dos recursos digitais, e isso nos permitiu evidenciar as instabilidades desses instrumentos, incluindo a falta de acesso aos mesmos e a dificuldade de manuseá-los.

Por fim, os critérios que influenciaram a utilização dessas práticas avaliativas se concentraram, principalmente, no cumprimento às normas de segurança, bem como no que a realidade de cada professora mostrou ser possível de fazer. Dessa forma, reconhecemos que as professoras FÁ e SOL conseguiram utilizar mais de um instrumento avaliativo – as atividades orais e escritas – mas que essa possibilidade não era viável para as demais participantes. Portanto, compreendemos que esse contexto pandêmico limitou não apenas os critérios para a escolha dos instrumentos avaliativos, mas o próprio ato de avaliar, considerando todas as dificuldades que os discursos dessas professoras nos revelaram.

Consideramos, portanto, que diante de todas as mudanças movidas pela pandemia de Covid-19, as práticas avaliativas das professoras da rede municipal de Belo Jardim-PE, necessitaram de dois princípios essenciais da avaliação, o ato de acolher e o entendimento da relação entre a avaliação e o contexto em que ela ocorre. Assim sendo, essa pesquisa nos

permitiu compreender que os aspectos citados foram premissas para concretizar as avaliações dessas professoras e que impulsionadas por eles, cada uma delas possui o desafio de incorporar essas reflexões nas suas práticas avaliativas em um cenário pós-pandêmico.

## 6. REFERÊNCIAS

DE MENDONÇA, Daniel. **Pós-estruturalismo e teoria do discurso: em torno de Ernesto Laclau**. EdiPUCRS, 2008.

DESLANDES, Sueli Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Sueli Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). - Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DOS SANTOS MAGALHÃES, Priscila Maria Vieira et al. Dos discursos aos sentidos: as práticas avaliativas de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental (From discourses to meanings: teachers' evaluative practices in the first grades of Elementary School). **Revista Eletrônica de Educação**, v. 12, n. 1, p. 90-103, 2018.

FREITAS, Luiz Carlos... [et. al]. **Avaliação da aprendizagem: relações professor-aluno na sala de aula**. In: *Avaliação educacional: caminhando pela contramão*. / 2ª edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. – (Coleção Fronteiras Educacionais).

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Crislainy de Lira; ALMEIDA, Lucinalva Andrade Ataíde de; LEITE, Carlinda Maria Ferreira Alves Faustino. PRÁTICAS AVALIATIVAS E PROFISSIONALIZAÇÃO NOS COTIDIANOS - UMA ANÁLISE DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS. **Revista Teias**, [S.l.], v. 19, n. 54, p. 209-225, set. 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/36135>>.

LACLAU, E. MOUFFE, C. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Entremeios; Brasília: CNPq, 2015.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições** / Cipriano Carlos Luckesi. – 17. ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem. **Revista Pátio**, v. 12, p. 6-11, 2000.

MELCHIOR, Maria Celina. **Avaliação pedagógica: Função e Necessidade**. Editora Mercado Aberto. 1994.

MÉNDEZ, Juan Manuel Álvarez. A avaliação como atividade crítica de conhecimento. In: **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Ediciones Morata, 2001.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VILLAR, Ana Paula Russo. A prática avaliativa em uma organização escolar por ciclos de aprendizagem. 2009. 257 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

MARIA ISABEL NUNES DOS SANTOS TORRES

**NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PANDEMIA: PRÁTICAS AVALIATIVAS  
EMERGENTES NOS COTIDIANOS DE ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE BELO  
JARDIM-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 03/12/2021

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Conceição Gislâne Nóbrega Lima de Salles (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Priscila Maria Vieira dos Santos Magalhães (Examinadora Externa)  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) / Centro de Educação (CE)